

LAÇOS CULTURAIS: FACES DA MECANIZAÇÃO E A TRANSFORMAÇÃO DO VIVER (1960- 1980)

Marli Terezinha Szumilo SCHLOSSER

Professora do Colegiado do Curso de Geografia
da UNIOESTE, *campus* de M. C. Rondon
Rua Pernambuco, 1777
85960-000 – M. C. Rondon
Fone (45) 3254-3638
marlisch20@hotmail.com

Antonio THOMAZ JUNIOR

Professor de Geografia da FCT/UNESP
Presidente Prudente
R. Tomogiro Ochiai, 334 - Jd. Bongiovani
Caixa Postal 467 - CEP19050-360
Presidente Prudente – SP
Fone (18) 231-4334.
thomazjr@stetnet.com.br

Resumo: Neste artigo, foram analisadas diferentes manifestações culturais, vivenciadas pelos agricultores, no decorrer da formatação da modernização agrícola, no município de Marechal Cândido Rondon – Paraná. O estudo foi guiado, pela análise das fontes jornalísticas, arquivadas na Rádio Difusora do Paraná. A perspectiva analítica contemplou as representações cotidianas, construídas no cenário rural e reconstruídas, a partir das influências discursivas, divulgadas pela rádio local.

Palavras-chave: Mecanização, cotidiano, lazer, discurso jornalístico, trabalho

Abstracts: In this study, different cultural manifestations have been analyzed, lived by the farmers during the formatting of the agricultural modernization in Marechal Cândido Rondon – Paraná. The study was guided by the analysis of the journalistic sources, filed at Radio Difusora do Paraná. The analytic perspective, contemplated the everyday representations, built in the rural and rebuilt scenery from the discursive influences, announced by the local radio.

Keywords: Mechanization, everyday, leisure, journalistic speech, work

No presente artigo, pretende-se trazer para o debate reflexões sobre a intervenção do rádio nas manifestações culturais vivenciadas pelos agricultores, no processo de modernização agrícola no Extremo Oeste paranaense, mais especificamente no município de Marechal Cândido Rondon. O recorte temporal abrange o período de 1960 a 1980. A construção desta pesquisa é norteada pela análise das fontes jornalísticas, arquivadas na Rádio Difusora do Paraná. A Rádio deu início às transmissões a partir de 1966 e, desde que entrou em funcionamento, tem seus programas jornalísticos arquivados, o que possibilitou uma análise, a partir destas fontes primárias.

A dimensão cultural de um grupo contempla experiências relacionadas a costumes e às relações com o trabalho, apresentando características específicas de determinada região, pois “todas as práticas, sejam econômicas ou culturais, dependem das representações utilizadas pelos indivíduos para darem sentido a seu mundo” (HUNT, 1995, p. 25). A “necessidade” de preservação dos valores prestigiados pelos agricultores, pode ser enquadrada como mecanismo, adotado pela emissora de rádio para marcar presença constante no cotidiano rural. De acordo com um dos entrevistados (G, 1996): “o rádio era tudo”. O rádio, era ouvido intensamente pelos agricultores, principalmente aqueles programas veiculados em certos períodos do dia: no início da manhã, ao meio-dia e à noite. A importância do rádio na vida dos agricultores era tamanha que a aquisição de um aparelho de rádio era tida como uma das prioridades dos recém-casados: com o casamento, era necessária a construção de benfeitorias na propriedade e a aquisição de implementos agrícolas e, com a venda dos primeiros suínos ou cereais (soja, feijão), os casais compravam um rádio, que recebia lugar de destaque na residência.

Pode-se sugerir que, a emissora de rádio utilizava estratégias persuasivas, tendo em vista a manutenção da audiência. Entre os recursos, adotados, estavam os elogios constantes ao trabalho, realizado pelos agricultores em favor do desenvolvimento da região. Sendo assim, em vários momentos de sua programação diária apareciam referências à amplitude cada vez maior dos esforços dos agricultores:

Como já é do conhecimento de todos, a Diretoria houve por bem homenagear o nosso AGRICULTOR ou COLONO, ao instituir a colocação, no ‘HALL’ de entrada, de uma roda de carroça que também deverá servir como lustre, em reconhecimento a significativa parcela de contribuições e desmedidos esforços na construção e manutenção da nossa Sociedade de Cantores “Aliança” (RODA, 1967).

Estamos em 1967: o símbolo da roda de carroça, colocada na entrada do clube (Aliança), expressa o vínculo entre agricultores e a importância dada ao trabalho. O simbólico representa as técnicas tradicionais, adotadas naquele momento: o

destaque ainda mantém em evidência o carro de boi que predomina nas estradas do município de Marechal Cândido Rondon, apesar da introdução de novas técnicas, alicerçadas na utilização de máquinas modernas, já estar em fase de desenvolvimento. Caso a homenagem fosse feita anos mais tarde, será que a roda de um trator não seria adotada como símbolo do trabalho dos agricultores?

A atuação das mulheres também é destacada pela emissora de rádio e a manutenção de práticas relacionadas ao cotidiano feminino recebe atenção especial. Como pode ser visto em cursos organizados pelos “Clubes de Mães”: “criando nova mentalidade”, as sócias desenvolvem atividades que se restringem ao universo feminino, tais como o bordado, arte culinária, a costura, entre outras. Neste sentido é interessante a notícia seguinte:

O Clube de Mães, criado em nosso município, tem uma finalidade toda especial, e agora no aproximar rápido do final do ano já vem apresentar seu fruto de um trabalho conjunto. Durante largo espaço de tempo, foi mantido rigoroso trabalho de aperfeiçoar, criando nova mentalidade, com a organização de turmas, e mantidas várias professoras que vieram dar vida aos cursos pela A.P.M. [...] pela qual funciona o Clube de Mães. A orientação dada em vários cursos, como o de bordados, tricô, arte culinária e costura dará a apresentar uma exposição, para a qual as orientadoras estão procurando por nosso intermédio avisar todas as mães, a virem até o clube e fazer entregas de seus trabalhos, para serem colocados em exposição. [...] Ainda dentro das festividades [...] trabalhos deste clube de mães, amanhã à noite terá seqüência o fato, com a entrega de certificados de participação nos clubes de culinária, bordado e tricô, com a solenidade marcada para a noite às 20 horas, tendo por local a sede do Clube Cultural e Recreativo Concórdia. Estarão presentes todas as autoridades especialmente convidadas, sendo que à nós da DIFUSORA, já recebemos o convite pessoal pela parte das orientadoras (CLUBE, 1968-1969).

Como coroamento das atividades, os trabalhos foram expostos no Clube Concórdia, numa solenidade prestigiada por autoridades políticas e representantes da emissora de rádio. As atividades ligadas ao universo feminino eram enfatizadas constantemente na programação da emissora.

Contudo, na medida em que se constituía a estruturação da mecanização, foram poucos os espaços discursivos, apresentando a participação feminina, embora a atuação das mulheres tenha sido fundamental para a manutenção das famílias. No discurso intitulado “Mulher em Favor da Agricultura” tratou-se com certo espanto o fato das mulheres se interessarem pelas atividades agrícolas. O espanto residiu no fato de Núbia Maria Bosa ser engenheira agrônoma, formada em instituição de ensino do interior do Rio Grande do Sul. Mas, não foi só isso, ao

reportar-se a visita dos jovens Inelvo Banez Gregolli e Núbia Maria Bosa ao escritório da ACARPA/EMATER, aproveitou-se o momento para divulgar a fixação de ambos no município junto às atividades agrícolas, como se depreende na notícia que segue:

“Fato até curioso é o caso de uma senhorita dedicar-se às lides agrícolas. Não é o que comumente acontece por aqui. Esta foi mais longe e adquiriu conhecimento especializado através de escola, especificamente por uma faculdade de agronomia” (MULHER, 1977).

O rádio, portanto,

que se pensava seria um instrumento da difusão da cultura, quando muito cria uma série de clichês, frases de efeito e lugares comuns da classe média, porque o termo cultura de massa não significa cultura própria das massas, mas cultura de uma elite, condicionada a um sistema de *marketing* e difundida por uma tecnologia industrial para o consumo das massas (CAPARELLI, 1980, p. 84).

Os domingos eram os dias dedicados ao descanso e o rádio era componente indispensável para que este descanso fosse agradável. Assim, a programação de domingo era realizada com atrativos diferenciados: resumo das principais notícias da semana, religião, bailes, esportes e música dividiam espaço no rádio, como forma de proporcionar aos ouvintes opções variadas de entretenimento. Os temas religiosos incluíam a transmissão de cultos. Como parte das atividades ligadas ao lazer, usufruídas, principalmente, aos domingos, os eventos esportivos também eram levados ao público por meio do rádio. O restante das tardes de domingo tinha uma programação dominada pela música (FRENTE, 1968-1969).

Além disso, o final de semana era reservado para programas ligados às festas e bailes. Entre eles, um dos programas de maior audiência era o chamado “Baile na Colônia”: nome sugestivo, pois o público-alvo eram os agricultores descendentes de alemães e italianos, a maioria proveniente dos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Com isto, vinculando sua programação às tradições prestigiadas pelo grupo, a emissora de rádio apostava na manutenção de traços culturais das famílias como forma de conquistar a audiência, já que os bailes eram comuns nas comunidades de origem de grande parte das famílias rondonenses. Sendo assim, a emissora levava ao ar um programa transmitido ao vivo direto de um salão de bailes. Por meio de uma programação especial, a emissora reafirmava que os trabalhadores rondonenses, envolvidos durante a semana com atividades agrícolas, eram merecedores do descanso e do lazer aos domingos. Dessa forma a programação:

Nosso programa dominical Baile na Colônia, é mais um motivo para levarmos a alegria aos lares de nossos amigos colonos, daí a denominação de Baile na Colônia. Toda a classe de ouvintes que possuímos tem sempre um programa

específico, com o qual nos honra com sua sintonia. O colono que labuta durante uma semana a fio, tirando da terra o seu sustento e dando-nos a maravilha de seus produtos, merecem pela nossa programação alguns momentos para o seu deleite (BAILE, 1969).

As atividades culturais eram reforçadas através de apresentações artísticas que primavam pela incorporação de práticas e valores importantes para a comunidade. Como exemplo, pode ser citado o destaque dado à vinda de um grupo folclórico que apresentava danças estruturadas, a partir da cultura e da tradição européias:

Chega hoje a Quatro Pontes o Grupo Juvenil Folclórico de Guarapuava para algumas apresentações nesta região. Hoje à noite estará no Salão Nitz de Quatro Pontes, para uma apresentação de danças da Europa. Depois um bailezinho familiar, para que todos possam se divertir. [...] Trata-se de um grupo que pretende demonstrar a tradição européia, com trajes típicos das regiões que representa. Convidamos as famílias para assistir a este espetáculo de cultura e arte (GRUPO, 1969).

Assim, como havia programas musicais, outros aconteciam com a participação do público por meio de cartinhas, através das quais eram feitas as tradicionais homenagens de namorado para namorada ou entre amigos. No entanto, em alguns casos, estas homenagens tomavam rumo indesejado: os ouvintes começaram a perceber a facilidade de comunicar-se pelo rádio e a rapidez com que o possível informe chegava ao destinatário. A emissora, em nota ao público, passou a exigir nomes completos, pois assim poderia responsabilizar as pessoas, caso fosse necessário (FRETE, 1969).

As constantes modificações nas programações de rádio, direcionadas aos agricultores, tinham como função legitimar as diferentes informações, para favorecer o modelo idealizado; instigando os sentimentos dos agricultores ou reforçando-os através de adjetivos como “homem trabalhador e familiar”, acessórios discursivos utilizados para expandir um modelo carente de trabalho que, inevitavelmente, era imposto ao cotidiano do agricultor.

A questão trabalho e suas relações com o tempo livre foram analisadas por Valquíria Padilha na obra “Tempo livre e Capitalismo: um par imperfeito”. As transformações tecnológicas foram contextualizadas, observando-se as transformações humanas e do próprio trabalho. Segundo a autora,

[...] o desenvolvimento do capitalismo tem exigido exatamente isso, uma ‘revolução de costumes’, de forma que os indivíduos estejam constantemente tendo que se adaptar às ‘novidades’, a novos modos de vida [...]. Essas transformações requeridas pelo capital para os indivíduos não os libertam de suas amarras, muito pelo contrário (PADILHA, 2000, p. 36).

Contudo, deve-se considerar as criações ou recriações de necessidades, configuradas pela lógica capitalista, não somente no terreno econômico, mas também sua invasão no cenário cultural. Dessa maneira, pode-se caracterizar as transformações no modo de viver de Marechal Cândido Rondon, principalmente aquelas relacionadas ao lazer, alterado de acordo com os interesses capitalistas.

Com o início do mês de novembro, temos modificações a anotar em nossa programação. Hoje à tarde, após a apresentação do programa Lenço Colorado, teremos a apresentação do programa A VOZ DO AGRICULTOR. Será um programa especial para o agricultor, de informações, homenagens e boas músicas (VOZ, 1969).

Embora predominasse a imprensa falada no município, também circulavam jornais considerados “informativos”. Porém, como se pode observar no trecho selecionado, o conteúdo destes jornais era carente de críticas. O jornal intitulado “O Desbravador”, recebeu nome atribuído a quem colonizou a região, título que toma ares de “nacionalismo”. Não obstante, o conteúdo relatava o clima de festa, em decorrência da comemoração da “independência” do Brasil. São estes elementos que evidenciam os valores ideológicos fortemente presentes nesse período.

Este órgão da imprensa escrita, marcará a data de 7 de setembro, com a distribuição em todo o município de uma edição especial. [...] A edição trará mensagens com referência a passagem da grande data, fazendo com que nosso povo viva o estímulo novo que se pretende levar com a realização marcante de uma festividade pela passagem de mais uma data da independência brasileira. [...] prestando de certa forma uma homenagem à grande data que ficará marcada nos anais da história deste único órgão da imprensa escrita em nosso município. (DESBRAVADOR VAI, 1969)

Por se tratar de periódicos, através destes jornais, os rondonenses mantinham um canal de comunicação com o Rio Grande do Sul, principalmente por meio do jornal intitulado “O Celeiro”. Uma maneira encontrada pelos migrantes, de obterem notícias de familiares deixados naquele Estado.

Estamos recebendo toda a semana 10 exemplares do jornal O CELEIRO de Três Passos, no Rio Grande do Sul. É um jornal novo daquele município, e que é editado todas as quintas-feiras, trazendo notícias de Três Passos, Portela, Crissiumal, Campo Novo, Santo Augusto, Humaitá e região. Há muitas pessoas que, tendo vindo daqueles locais, gostam de estar a par do que acontece em seus velhos municípios. (JORNAL, 1969).

A ligação direta com o agricultor consolidou-se com o programa “A Voz do Agricultor”. As alterações nas programações adotaram conteúdos como o de utiliza-

de pública, informativo cultural e educativo, atribuídos como um prêmio aos ouvintes. O sentimento de preocupação com o público rural era constantemente reforçada, daí a abertura de um espaço na programação, para instituições como a ACARPA/EMATER, Prefeitura Municipal e outras.

Este programa, A Voz do Agricultor, é de utilidade pública, educativo e informativo. Por isto sofreu uma ampliação, em favor do ouvinte, que tem nele, um grande amigo para momentos de alegria [...]. Às quartas-feiras, durante 10 minutos, traremos até aqui, responsáveis pela ACARPA e às sextas-feiras, dados da SEMEC, Serviço Municipal de Educação e Cultura (VOZ, 1970-1971).

Por ocasião das festividades do aniversário do município, as mensagens transmitidas pelo poder executivo vinham carregadas de menções ao “progresso” econômico e cultural. Nos argumentos, circulavam afirmações positivas, justificadas nos níveis de produção, logo, o cultural estava de acordo com os níveis de instrução desejados pelo sistema.

“Hoje vemos o progresso estampado bem a nossa frente, com o município de Marechal Cândido Rondon alcançando os mais altos índices no setor econômico e cultural, junto ao concerto estadual” (MENSAGEM, 1977).

A apresentação indutiva, presente na fala da empresa (Rádio Difusora do Paraná), era difundida oportunamente na comemoração dos 13 anos da rádio difusão. Conforme informação dada inicialmente, o poder de abrangência da rádio era local, passando a atingir maior público e crescer, juntamente com o crescimento da região. Em seu interior, o discurso afirmava o papel do rádio enquanto veículo a serviço da informação e encarregado do lazer musical.

Na ocasião, a Inspeção Regional de Ensino representada na pessoa do Sr. Oldemar Baldus, parabenizou a emissora e chamou a atenção de todos para os elementos inovadores adotados na atuação da imprensa, dizendo que eram fundamentais para “uma constante mudança de mentalidade para o nosso povo”.

“Recebemos os cumprimentos da Inspeção Regional de ensino através do seu titular Oldemar Baldus desejando a continuidade dos trabalhos como agentes trazendo cultura, educação e uma constante mudança de mentalidade para o nosso povo” (13 ANOS, 1979).

O esforço constante para manter a produtividade, sustentada nos mecanismos de rentabilidade e tecnificação do cultivo, foi organizando as peças conforme as novas regras do jogo, sem perder de vista a “vitória”, que seria concretizada na alteração dos comportamentos (manifestações culturais) com a consolidação do modelo idealizado, expresso na modernização agrícola.

COTIDIANO RURAL: TRANSFORMAÇÕES DE HÁBITOS

A transformação do cotidiano rural ocorreu no contexto da aprovação dos grupos detentores do poder, que procuraram criar ou recriar uma forma de modelo, conduta ou representação. Essa questão é profundamente estudada por CHARTIER (1990, p. 17):

As representações do mundo social assim construídas aspirem a universalidade de um diagnóstico fundado, na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza.

As manobras discursivas pretendiam que certos traços culturais fossem remodelados, e os passatempos envolvendo o lazer estivessem, essencialmente, vinculados a padrões técnicos e que estes fossem compartilhados em conjunto. Para tanto, o discurso criado apresentou os padrões adequados para o trabalho rural. As informações jornalísticas criaram expectativas para a assimilação dessas novas situações.

As ocupações no extremo Oeste por descendentes de alemães, italianos e eslavos, revelavam o conhecimento e envolvimento destes com atividades agrícolas. A atividade que se destacou foi a agricultura em pequenas propriedades, envolvendo o trabalho familiar.

O processo de transformação se deu já na primeira fase, após a retirada de pequenas parcelas de mata, na qual ocorria a prática da policultura, estruturada a partir do cultivo de inúmeros produtos e criação de pequenos animais (suínos e aves), destinados ao sustento da família, sendo a sobra da produção destinada à comercialização. Este processo inicial da agricultura, desenvolveu-se com o uso da fertilidade natural do solo e o envolvimento da família no trabalho. Para LOPES (1981, p. 19):

A necessidade de trabalho adicional pelas unidades camponesas, em certas épocas (limpa colheita) é satisfeita por formas de ajuda mútua (mutirão, troca de dias) prevalecendo entre elas, e só raramente pelo emprego do trabalhador eventual. Qualquer que seja a situação, a de proprietários ou rendeiros, a economia camponesa significa a produção de grande parte dos bens agrícolas (e de muitos dos artesanais) consumidos por seus membros.

No período da agricultura tradicional (1960), havia uma grande integração nas localidades, linhas, distritos e municípios. O trabalho da colheita da soja recebia um forte aliado: o mutirão. “Os agricultores trabalham ao ar livre mais do que o fazem os trabalhadores na maioria das ocupações urbanas. Eles estão mais expostos à flutuações das várias condições climáticas” (MARTINS, 1986, p. 200). Para agilizar a colheita em

períodos de longas chuvas, os agricultores passavam dia e noite voltados para a colheita. O trabalho do corte da soja era realizado com foicinhas e, posteriormente, passado pela trilhadeira, acionada com motor estacionário a diesel ou gasolina. Já os feixes cortados, eram transportados até o local da triagem pelas carroças puxadas por juntas de bois ou cavalos. Tal atividade era executada por crianças, mulheres e homens. Este sistema de colheita era dividido em duas fases: o corte, que ocorria durante o dia e a trilhagem, que era executada à noite. Na trilhagem, as atividades eram desenvolvidas em grupos: os que entregavam feixes ao embocador, que ficava em frente à “boca” da trilhadeira, e os que retiravam o produto trilhado e ensacavam. Havia também o trabalho das mulheres que faziam a costura das bolsas e os responsáveis pelo “sacapalha” que retiravam o excesso de palha evitando, desta forma, o entupimento da trilhadeira. Segundo MARTINS (1986, p. 200), “o principal critério para definição da população ou da sociedade rural [era] ocupacional: a coleta e o cultivo das plantas e a criação de animais”.

As relações diretas do trabalhador com a natureza são visíveis e significativas no Extremo Oeste- Pr, principalmente na fase da policultura, quando as atividades são realizadas à noite e estão ligadas às manifestações da natureza. Neste contexto, ocorre

uma proximidade maior e uma relação mais direta com a natureza (solo, flora, fauna, sol, lua, céu, vento, chuva) do que nas cidades. O morador da cidade é separado de tudo isto pelas grossas paredes das gigantescas construções urbanas e pelo ambiente artificial da sociedade de pedra e ferro (MARTINS, 1986, p.201).

Assim, a cidade vive uma rotina diferente, cercada pela “selva de pedra” que afasta o homem da natureza. Um problema de identificação é sentido pelas pessoas que são excluídas do campo e acabam fixando residência na cidade. Eis que “a população das comunidades rurais tende a ser mais homogênea em suas características psico-sociais do que a população das comunidades urbanas” (MARTINS, 1986, p. 204).

O agricultor cuidava de sua propriedade e, nos dias de chuva, organizava a casa, construía chiqueiro, galinheiro; a horta recebia os cuidados necessários e as mulheres faziam faxina no período da tarde ou à noite. Os vizinhos mais próximos reuniam-se para conversar. Isso evidencia as “[...] características psico-sociais adquiridas, tais como linguagem, crenças, opiniões, tradições, padrões de comportamento próprios das pessoas que habitam o espaço rural” (MARTINS, 1986, p. 204).

A integração dos agricultores à nova realidade moderna baseada na tecnologia é visualizada no impacto verificado quando de sua transferência para o espaço urbano, sendo que “[...] a cidade é uma co-residência dos tipos de personalidades humanas as mais heterogêneas” (MARTINS, 1986, p. 204), e o espaço rural apresenta uma realidade, em certa medida, diferente com a qual o agricultor precisa aprender a conviver. Essas mudanças estão presentes na fala nostálgica de A (19 fev. 1996):

A gente se visitava, mais do que agora. Agora ninguém visita ninguém, parece que esqueceu um do outro. Antes era tudo mato e era mais fácil de se visita [...]. Parece impossível, mas mudô [...]. Ninguém tem tempo, não sei. Brigado ninguém tá, nem discutiu, nada, tão se dando bem. Parece que perderam o gosto de se visitá.

Mas, para entender como se deu essa transformação de hábitos, principalmente no campo, será retomada à expressão da variação das funções que intensificavam as idéias estruturadas até então. A comunidade rural possuía formas simples de alimentação como a gordura que era retirada da carne do porco e o leite, que era garantido pelas vacas criadas na propriedade. Era comum que, quando um agricultor abatia um porco, dele retirava a “banha” que era estocada e da carne se produzia o salame. Essa prática aproximava os vizinhos que, de forma comunitária, conduziam as atividades relacionadas ao abate de animais: a carne suína era frita e depositada, juntamente com a gordura, em latas. Poderia ser então conservada e consumida num período de seis meses. Os vizinhos recebiam carne fresca e, quando abatiam um animal, retribuía da mesma forma. Assim, era possível que todos, de vez em quando, consumissem carne fresca. Outra alternativa consistia no abate de um frango para se fazer “galinhada”, sopa ou mesmo carne frita.

Dessa forma, a troca de favores mantida tradicionalmente entre os agricultores exercia um papel importante na organização destas famílias. No entanto, a solidariedade inscrita em tais hábitos, perdeu espaço para o consumo de produtos industrializados, ligados, principalmente, a interesses comerciais gerados no âmbito histórico. Neste aspecto é interessante a observação de Brum:

Como resultado da mudança nos hábitos alimentares ocorrida na Europa, nos Estados Unidos e no Canadá, a partir da Segunda Guerra Mundial, a gordura animal passou a ser substituída por óleos vegetais. Obviamente foi uma mudança induzida pelos interesses dos grupos econômicos que estavam assumindo o comando da economia. Para operar mudanças na produção há que se introduzir mudanças no consumo. Afirma-se, então, com crescente insistência, que os óleos vegetais eram mais saudáveis que a gordura animal (BRUM, 1983, p. 101-102).

A substituição dos produtos domésticos por produtos industrializados movimentou a indústria e atendeu, portanto, aos desejos comerciais. Além disso, “o agricultor foi facilmente induzido a se tornar um bom consumidor de bens de consumo duráveis: automóveis, eletrodomésticos etc.” (BRUM, 1983, p. 141). Portanto, o individualismo presente nas relações sociais calcadas no consumismo — compreendido como forma de satisfazer desejos individuais — revelou um quadro de transformações no qual os vizinhos já não tinham uma relação tão solidária como em épocas anteriores. Nos bastidores tem-se a presença, ainda que pouco acentuada, da integração da região à produção de mercado.

A manchete “Fatos que Revoltam” manifesta um discurso sentimentalista em defesa da honra e dos bons costumes:

Não é possível que em pleno segundo período do século 20 haja pessoas tão desumanas e que tenham a coragem de praticar atos que merecem reparos. Hontem falamos do caso de animais mortos e levados à terra alheia. Hoje temos mais um fato a relatar. Conhecemos de há muitos anos o Sr. Germano Winter. Um velhinho bondoso, calejado pelas dezenas de anos de trabalho incessante, que criou uma família numerosa. Hoje, com seus 80 anos vividos, o velho Germano Winter ainda não se aposentou. Continua tão agricultor como o foi nos bons tempos de mais jovem. Planta, colhe e faz a grandeza do Brasil. Como todos, o velho Germano também plantou alguns pés de melancia. Ela é tão gostosa no verão. É a fruta tradicional do Brasil. Acontece porém, que espíritos desumanos que não podem ver a paz de espírito de ninguém, nem mesmo dos velhos. Alguém teve então a diabólica idéia de ir ao melancial do velho Germano e arrasar com as frutas, que ainda estão verdes [...]. Daí nossos comentários de revolta contra tudo o que está errado (FATOS, 1966-1967).

O rádio se apresentou como defensor daqueles que não tinham como se defender. O ataque “contra tudo o que está errado” apareceu, então, como argumento que visava caracterizar o veículo como arma a ser utilizada na defesa dos interesses dos agricultores. Num primeiro momento, os comentários acima retomaram notícias anteriores, envolvendo a atitude de certos agricultores que depositaram animais mortos no rio, prejudicando assim moradores que utilizavam a água do mesmo. Logo em seguida, eram descritas as características de um idoso, vítima da ação de “vândalos” que destruíram suas plantações. O discurso não terminava por aí e ressaltava o número de filhos criados pelo idoso e a contribuição do trabalho deste agricultor para o desenvolvimento da região: dava ênfase ao feito deste continuar trabalhando e ainda não ter se aposentado. “Planta, colhe e faz a grandeza do Brasil”, nessa frase tem-se o elogio ao “progresso”, carregado de sentimentos nacionalistas. Mas, o que se quer destacar nesta notícia é o reforço à valorização do homem trabalhador e honesto.

Em várias matérias, divulgadas pelo rádio, era dada ênfase, principalmente, à produção municipal, já que “todos [sentiam] um orgulho em mostrar o que é seu”. O argumento cristalizava informações articuladas com outros meios de comunicação e o destaque recaía sobre as feiras de exposição de produtos, mecanismo associado à representatividade da região junto ao cenário estadual e até nacional. A força discursiva dava legitimidade a FAOP – Feira de Amostra do Oeste do Paraná -, evento que servia de vitrine para a exposição da produção local dos municípios do Oeste do Estado. Os interesses visavam destacar a produtividade rondonense: “temos certeza de que Marechal Cândido Rondon terá muito a mostrar e com distin-

ção". Nesse sentido, fez-se um reforço para que os preparativos tomassem corpo e rapidez para ocupar o merecido destaque. Esses incentivos às exposições procuravam estimular o agricultor "para que não somente [pensasse] em produzir, mas também [preparasse] um bom produto de exposição".

Agora chegou a vez do Oeste do Paraná, e começamos a anunciar ontem sobre a "1ª FAOP – Feira de Amostras do Oeste do Paraná". Nesta ocasião, todos os municípios da região terão sua vez de mostrar aquilo que produzem, e enfim, promover o Oeste paranaense. Oportunidade de ouro para o nosso município, e temos certeza de que Marechal Cândido Rondon terá muito a mostrar e com distinção, basta que se comece o preparo logo, para uma colaboração decisiva dentro desta feira regional. A primeira FAOP iniciará dia 15 de novembro, e se estenderá até dia 23. Havemos de levar maior estímulo à nossa gente, para que não somente pense em produzir, mas também prepare um bom produto de exposição (PRIMEIRA, 1969).

Visando romper com o passado, ligado à colonização, o jornal "O Desbravador" troca de nome para "O Impulso". Dessa forma, o jornal estudantil tinha um alcance estadual. A troca de nome estava vinculada diretamente aos acontecimentos sociais, pois a década de 1970 marca o auge da tecnificação no campo. "A própria diretoria da ARES disse que 'Desbravador' dava uma impressão de que estávamos dentro do mato" (DESBRAVADOR, 1969).

A troca do nome do jornal refletia o desejo de adotar uma postura mais moderna, mostrando que o contexto já não era o mesmo de décadas anteriores. O termo "Impulso" concentrava tais perspectivas na medida em que aparecia como referência ao progresso e desenvolvimento verificados no município através da incorporação de uma série de procedimentos técnicos avançados.

TRANSFORMAÇÃO NO COTIDIANO: PREÇOS AGRÍCOLAS

A oscilação constante dos preços dos suínos era outro fator que interferia decisivamente na estruturação da produção agrícola. A suinocultura era, assim, prejudicada pela falta de preços adequados; sendo este quadro justificado pelo fato de que as expectativas de lucro não eram atendidas. A alternativa estava centralizada na comercialização de produtos como a mandioca e o milho que poderiam servir como forma de subsistência para as famílias. Os resultados e condições da especialização desenvolvida por vias mecanizadas geraram discursos em torno da mão-de-obra ociosa no campo, desencadeada pelo "conforto" oferecido pelos maquinários. Nesse sentido, foram sugeridas, em 1975, atividades relacionadas com a suinocultura e

hortifrutigranjeiros que poderiam ser praticadas nos novos padrões técnicos suprimindo, mesmo que só no discurso, as necessidades da comunidade e do comércio, que vinham sentindo a carência desses produtos.

Com os altos preços pagos por estes produtos e as péssimas condições em que chegavam à mesa do consumidor, sugeria-se que “era necessário haver alguém que se interessasse no assunto, absorvendo a mão-de-obra familiar”. As funções da fala mudaram o discurso: antes, as hortas cederam espaço para a especialização; mas, com a falta de alguns produtos — anteriormente produzidos com o sistema baseado na policultura — sugeriu-se a necessidade de retornar a estas atividades. No início da ocupação das terras, os incentivos estavam centrados na mecanização e no conseqüente abandono das hortas. Além disso, os baixos preços desestimulavam a criação de suínos e o novo processo “necessitava” do tempo integral do agricultor, direcionado para o desmatamento. Com a implantação do modelo, a máquina passou a executar os trabalhos. A preocupação em retomar o cultivo em hortas, não estava relacionada às condições precárias dos agricultores, mas à falta de produtos no mercado.

A volta da plantação de milho e mandioca, cujos produtos, uma vez não consumidos totalmente [...] servem como recurso rendoso para o comércio, podendo o milho ser exportado e a mandioca, uma vez não consumida em criações, poderá ser comercializada com as feculárias. É um caso importante a ser pensado, pois a persistência na monocultura de forma mecanizada na realidade é mais prática, porém absorve pouca mão de obra e afasta a possibilidade de que o homem do campo, hoje rodeado de conforto, persista na luta pela atividade agropecuária [...]. As coisas podem piorar e, as atividades horti-granjeiras se não forem feitas a nível comercial, pelo menos servirão para a sustentação familiar. Todos esses produtos adquiridos hoje em supermercados vêm de fora em sua maior parte, chegando aqui, quando não deteriorado, pelo menos com a perda de grande valor nutritivo. Precisávamos fazer com que alguém se interessasse no assunto, absorvendo a mão-de-obra familiar (SUINOCULTURA, 1975).

As transformações cotidianas foram fortemente sentidas, principalmente no setor ambiental, pois as queimadas passaram a fazer parte do dia-a-dia do agricultor. O IBDF — Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal — divulgava constantes alertas, solicitando cuidados com as queimadas em pastagens, já que, em muitos casos, foram verificados acidentes na realização desta prática, tais como danos às plantações de propriedades localizadas nas imediações. Como nesse período, segundo a fala de um dos engenheiros do IBDF, a safra do trigo prometia uma safra farta, as queimadas descontroladas poderiam prejudicar a colheita.

Mesmo com as chuvas esparsas que se fazem sentir, o [...] Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal tem medo de novas queimadas, recomendando ao meio rural para que tenham redobrados os cuidados e a vigilância contra o fogo acidental ou por outro lado proposital quando da necessidade da limpeza de áreas de cultivo ou pastagens [...]. Temendo a verificação de uma nova etapa de queimadas, uma nota do engenheiro Humberto José Jusi diz sobre orientação ao uso adequado do fogo quando necessário, assim como no controle dos incêndios que possam ocorrer (I.B.D.F., 1975).

Ademais, o discurso de povo ordeiro não encontrava sustentação, devido aos relatos de furtos ocorridos no município. Como forma de caracterizar o progresso do município, falou-se da profícua colheita de milho. No entanto, foram condenados os tradicionais furtos de “milho verde”: a crítica estava direcionada ao fato das pessoas tomarem o cereal, sem pedir ou propor um pagamento, o que gerou certa polêmica, levando muitos agricultores queixosos a enviar correspondência à rádio. A reclamação residia no fato dos roubos não serem de algumas espigas, mas de grandes quantidades, não só de milho mas também de mandioca. O motivo maior da revolta eram os estragos causados na plantação. O noticiário revelou que entre os “ordeiros”, existiam conflitos.

Os colonos que plantaram milho estão satisfeitiíssimos com a ótima qualidade que o produto vem apresentando e, muitos até se arrependem de não haver plantado mais. Nessa época, o roubo do milho verde é até um fato tradicional, pois são poucos aqueles que se dignam dirigir-se à casa do colono para pedir ou propor a compra de umas espigas que estão ‘no ponto’ (ROUBO, 1975-1976).

A estrutura discursiva passou a reproduzir falas que se caracterizavam pela transfiguração do agricultor ordeiro e trabalhador. Como se poderá ver a ACARPA/ EMATER havia colocado placas de sinalização, entendidas como serviço de utilidade pública. Na ocasião, o trabalho foi sistematizado pelos clubes 4-S¹ que efetivaram a sinalização das estradas mediante a colocação de placas no interior do município. Tais placas visavam coordenar o crescente fluxo de máquinas, verificado nas estradas. Contrariando as características dos moradores do município, “ordeiros, honestos e trabalhadores”, algumas pessoas arrancaram estas placas, trocando-as de lugar, com o objetivo desorientar os usuários das estradas.

A ACARPA, num serviço de utilidade pública, através dos clubes 4-s dos distritos de localidades, procedeu, há tempos atrás, a sinalização indicativa das estradas, por todo o interior do município [...]. É de lamentar que elementos mal intencionados mexam nestas placas, trocando a sua indicação para outra via, causando transtornos para quem faz uso dela (PLACAS, 1977).

A emissora de rádio se apresentou como uma espécie de advogado de defesa dos interesses dos agricultores rondonenses

O gerente do Banco do Brasil, agência de Marechal Cândido Rondon, esteve conosco hoje de manhã contando sobre o fato que desabona a conduta de elementos inescrupulosos que, se aproveitando da ingenuidade de pacatos cidadãos do interior do nosso município e região, tem realizado um serviço sujo, no intuito de extorquir quantias em dinheiro [...]. Compareceu à agência do banco contando sobre o fato de um cidadão, haver comparecido à sua residência [...] para a venda de seguro de vida, que, tinha vinculação com o Banco do Brasil [...]. O alerta é dado com a finalidade de evitar que se repita o ocorrido, pois os vivaldinos estão por aí [...] e, somente os “trouxas” é que entram nas maiores frias que indivíduos de má fé aplicam com a maior naturalidade. O gerente da agência do Banco do Brasil mostrou-se preocupado e ao mesmo tempo ficou estarrecido por saber que existem em nosso meio pessoas tão ingênuas a ponto de caírem nesses contos talvez sob alegações que nem sequer possa passar pela mente de uma pessoa de sã consciência (BANCO, 1977).

Os golpes eram uma constante entre os agricultores, pois os agentes do Banco do Brasil cativaram a confiança do agricultor e os golpistas, em nome do banco, sustentavam suas armadilhas, como a venda de seguros, cobrando taxas por tais transações, procedimento proibido aos funcionários do Banco do Brasil.

Por meio de nota oficial, o sub-gerente do Banestado local, alertou os agricultores da presença de golpistas na região, frisando que em nenhum momento estes deveriam pagar algum montante a visitas de técnicos, fiscais ou agentes. (FRENTE, 1977)

No contexto,

Na manhã de ontem, um malandro fez-se passar por fazendeiro de Mato Grosso e abordou o agricultor Romeu Lermer, de Novo Três Passos, queixando-se de que fora roubado sua mala na Estação Rodoviária, contendo roupas e 100 mil cruzeiros em dinheiro. Também lamentou que seu gado estivesse morrendo pelo que, solicitou os préstimos do agricultor para localizar uma benzedeira que afastasse o mal que afeta seu rebanho. E para que tudo parecesse real, o vigarista não teve dúvidas em derramar algumas lágrimas, num choro teatral (AGRICULTOR, 1978).

O golpe do “bilhete premiado” era outra das armadilhas das quais muitos agricultores foram vítimas. Neste tipo de golpe, seus executores realizavam uma espécie de dramatização para convencer os agricultores. Por meio de histórias extraordinárias, acabavam levando dinheiro de algumas pessoas, como do Sr. José Martini, de Quatro Pontes, que foi abordado por um rapaz de aparência humilde com um

bilhete premiado nas mãos, dizendo não saber o que fazer com o mesmo. Apresentando traços forjados de ingenuidade, convenceu o agricultor de que nunca havia jogado e por este motivo não sabia como proceder. De imediato, surgiu outro personagem, aparentando cerca de 30 anos, que chamou o agricultor para uma conversa particular, confirmando a ingenuidade do rapaz e sugerindo que comprasse o bilhete. Como o valor do bilhete era de 500 mil cruzeiros, o agricultor propôs pagar apenas uma parte deste valor: 60 mil cruzeiros. Como levava consigo apenas 10 mil cruzeiros, sugeriu a possibilidade de conseguir o restante. José retornou então a Quatro Pontes e emprestou 30 mil cruzeiros para efetuar o negócio. No entanto quando desconfiou do golpe, já era tarde.

O repleto noticiário sobre pessoas incautas que caem no conto do bilhete premiado, esta tática voltou a ser ontem aplicada. José Martini, agricultor de Quatro Pontes encontrou próximo ao Banco do Brasil um rapaz, de seus 20 anos de idade, tez escura, magro, calçando chinelos de dedo e portando uma bolsa de pano [...]. O humilde rapaz, conseguiu contagiar o agricultor com uma triste estória. Este o acompanhou até a praça Willy Barth, e o pretinho disse possuir um bilhete que disseram estar premiado (CONTO, 1978).

Note-se o tom preconceituoso da reportagem, pois o golpista é caracterizado num primeiro momento como tendo a “tez escura”; mais adiante, é chamado de “pretinho”. Além disso, o golpe do bilhete premiado possui um elemento fundamental para que tenha sucesso: a ganância e o desejo de enriquecimento fácil, manifestado pelas pessoas, ao serem abordadas pelos golpistas.

Como os ataques ao meio urbano já eram bastante conhecidos, surgiram novas formas de golpe. Desta vez, os criminosos tomavam emprestado o nome do Banco Central e, na condição de funcionários, visitavam os agricultores em suas propriedades. A vítima, Edmundo Ernesto Müller, morador da Linha Peroba, foi contatado, para um levantamento de dados cadastrais através do qual eram obtidas informações sobre a quantidade de terras, cultivo de soja, criação de gado e saldo bancário do agricultor. Na ocasião, os fraudadores propuseram ao agricultor uma carteirinha de sócio do Banco Central, fazendo a menção de que a mesma custaria 2 cruzeiros. O agricultor aceitou e quis pagar em dinheiro, mas o dinheiro foi recusado. Assim, a importância foi paga através de um cheque preenchido pelos supostos funcionários e assinado por Ernesto Müller. No ato do saque, o mesmo foi alterado para 2 mil cruzeiros. No entanto, os criminosos não foram felizes, pois, felizmente ou infelizmente, não havia saldo suficiente. Mesmo assim, os supostos funcionários do Banco Central não desistiram e se deslocaram a um estabelecimento comercial, efetuando assim a troca do cheque (FRENTE, 1978-1979).

Estas ocorrências, mudaram os hábitos cotidianos. Anteriormente a esses fatos, muitos agricultores davam abrigo a quem necessitasse. Os vendedores e fiscais de bancos eram bem recebidos: caso fosse “hora do chimarrão”, eram convidados a fazer parte da roda e, se fosse meio-dia, o visitante recebia o convite para almoçar com a família do agricultor. Mas os inúmeros golpes foram diminuindo a hospitalidade. Os agricultores, ao notarem a presença de estranhos, recebiam-nos com o portão fechado e logo eram dispensados. Houve casos de agricultores que simplesmente evitavam contatos com estranhos.

O rádio era o mecanismo através do qual os agricultores eram alertados para não serem vítimas da atuação destes “marginais”.

Outra instituição que se dizia bastante preocupada com os interesses dos agricultores era a ACARPA/EMATER, com destaque para seu papel na indicação de alternativas de produção para os agricultores. Em sua programação para 1980, o órgão governamental — juntamente com representantes da Prefeitura Municipal entre outras lideranças que costumeiramente faziam parte destas iniciativas — sugeriu para o município o fomento de atividades relacionadas à avicultura. Para tanto, foi solicitado apoio ao departamento de projetos da ACARPA/EMATER do Paraná, tendo em vista a necessidade de desenvolver as atividades, atendendo aos parâmetros técnicos, exigidos para a industrialização e comercialização de frangos (FRETE, 1979).

Com efeito, os discursos projetados por interesses capitalistas, moldaram os costumes, obra particular com grau elevado de tecnificação, atuante na dinâmica das necessidades do mercado interno e externo, levando o agricultor a mudar seus hábitos no contexto das propostas executadas no campo.

PALAVRAS FINAIS

Enfim, ao estudar a modernização agrícola, por dentro de algumas relações discursivas, transmitidas via rádio, constatou-se que este meio de comunicação possuía e ainda mantém lugar garantido nas casas dos agricultores. Contudo, os agentes governamentais, sabedores do poder de alcance do mesmo, o utilizaram para expandir seus objetivos e transformaram em parte os anseios políticos, em desejos coletivos. Desse modo, as falas jornalísticas direcionadas ao trabalho, encontraram sustentação junto aos agricultores, pois nos valores deste grupo, encontram-se acumulados fortes vínculos com o trabalho. Dessa maneira, as transformações tecnológicas vivenciadas no campo, produziram significativas transformações no mundo do trabalho, bem como na organização do lazer, atendendo, assim, aos interesses do capital.

NOTAS

* O presente trabalho foi extraído da dissertação de mestrado defendida em 2001. Esta é uma versão que com pequenas modificações integra o quarto capítulo da dissertação da autora, intitulada: "Nas Ondas do Rádio: a Viabilização da Modernização Agrícola no Oeste do Paraná (1960-1980)", apresentada ao Programa de Mestrado em Geografia da UEM, sob orientação do Professor Dr. Antonio Thomaz Júnior.

¹ O símbolo dos clubes 4S é um trevo de quatro folhas. Logo, cada folha passou a representar um S, num conjunto significativo temos: servimento, sentimento, sabedoria e saúde.

REFERÊNCIAS

13 ANOS depois. (1979). *Frente Ampla de Notícias*, v. 57. Marechal Cândido Rondon: Rádio Difusora do Paraná, 03 nov. a 12 dez. Programa de rádio.

A. (1996). *Entrevista concedida a Marli Terezinha Szumilo Schlosser*. Marechal Cândido Rondon, 19 fev.

AGRICULTOR vítima de novo golpe. (1978). *Frente Ampla de Notícias*, v. 41. Marechal Cândido Rondon: Rádio Difusora do Paraná, 16 jan. a 23 fev. Programa de rádio.

BAILE na colônia sob nova batuta. (1969). *Frente Ampla de Notícias*, v. 6. Marechal Cândido Rondon: Rádio Difusora do Paraná, 21 mar. a 23 ago. Programa de rádio.

BANCO do Brasil alerta sobre o aparecimento de picaretas vendedores de carnets. (1977). *Frente Ampla de Notícias*, v. 34. Marechal Cândido Rondon: Rádio Difusora do Paraná, 01 abr. a 29 abr. Programa de rádio.

BRUM, Argemiro Jacob. (1983). *Modernização da agricultura no planalto gaúcho*. Ijuí: FIDENE.

CALDAS, Waldenyr. (1991). *Cultura*. 4.ed. Rio de Janeiro : Global.

CAPARELLI, Sérgio. (1980). *Comunicação de massa sem massa*. São Paulo : Cortez.

CHARTIER, Roger. (1990). *A história cultural*. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil.

CLUBE de mães vai trazer exposição. (1968-1969). *Frente Ampla de Notícias*, v. 5. Marechal Cândido Rondon: Rádio Difusora do Paraná, 15 out. a 20 mar. Programa de rádio.

CONTO do bilhete premiado volta a ser aplicado. (1978). *Frente Ampla de Notícias*, v. 47. Marechal Cândido Rondon: Rádio Difusora do Paraná, 16 set. a 31 out. Programa de rádio.

DESBRAVADOR vai sair dia 7. (1969). *Frente Ampla de Notícias*, v. 7. Marechal Cândido Rondon: Rádio Difusora do Paraná, 25 ago a 31 dez. Programa de rádio.

- DESBRAVADOR, agora é o impulso. (1969). *Frente Ampla de Notícias*, v. 8. Marechal Cândido Rondon: Rádio Difusora do Paraná, 25 ago a 31 dez. Programa de rádio.
- EMATER. (1996). *EMATER – uma estrada rumo ao futuro há 44 ANOS na direção certa*. Panfleto
- FATOS que revoltam. (1966-1967). *Frente Ampla de Notícias*, v. 1. Marechal Cândido Rondon: Rádio Difusora do Paraná, 14 nov. a 28 fev. Programa de rádio.
- FRENTE Ampla de Notícias, v. 35. (1977). Marechal Cândido Rondon: Rádio Difusora do Paraná, 29 abr. a 11 jun.
- FRENTE Ampla de Notícias, v. 49. (1978-1979). Marechal Cândido Rondon: Rádio Difusora do Paraná, 21 dez. a 05 fev.
- FRENTE Ampla de Notícias, v. 5. (1968-1969). Marechal Cândido Rondon: Rádio Difusora do Paraná, 15 out. a 20 mar.
- FRENTE Ampla de Notícias, v. 57. (1979). Marechal Cândido Rondon: Rádio Difusora do Paraná, 03 nov. a 12 dez.
- FRENTE Ampla de Notícias, v. 6. (1969). Marechal Cândido Rondon: Rádio Difusora do Paraná, 21 mar. a 23 ago.
- G. (1996). *Entrevista concedida a Marli Terezinha Szumilo Schlosser*. Marechal Cândido Rondon, 22 de mar.
- GRUPO Folclórico de Guarapuava chega hoje. (1969). *Frente Ampla de Notícias*, v. 6. Marechal Cândido Rondon: Rádio Difusora do Paraná, 21 mar a 23 ago. Programa de rádio.
- HUNT, Lynn. (1995). *A nova história cultural*. São Paulo : Martins Fontes.
- I.B.D.F tem medo de queimadas. (1975). *Frente Ampla de Notícias*, v. 23. Marechal Cândido Rondon: Rádio Difusora do Paraná, 31 jul. a 14 nov. Programa de rádio.
- JORNAL “O Celeiro”. (1969). *Frente Ampla de Notícias*, v. 8. Marechal Cândido Rondon: Rádio Difusora do Paraná, 25 ago a 31 dez. Programa de rádio.
- LOPES, Juarez Rubens Brandão. (1981). *Do latifúndio à empresa : unidade e diversidade do capitalismo no campo*. 2.ed. Petrópolis : Vozes; São Paulo : CEBRAP.
- MARTINS, José de Souza (org.). (1986). *Introdução crítica à sociedade rural*. 2.ed. São Paulo : Hucitec.
- MENSAGEM do Poder eExecutivo para o dia 25 de julho de 1977. (1977). *Frente Ampla de Notícias*, v. 36. Marechal Cândido Rondon: Rádio Difusora do Paraná, 11jun a 28jul. Programa de rádio.
- MULHER em favor da agricultura. (1977). *Frente Ampla de Notícias*, v. 32. Marechal Cândido Rondon: Rádio Difusora do Paraná, 24 jan. a 28 fev. Programa de rádio.

PADILHA, Valquíria. (2000). *Tempo livre e capitalismo: um par imperfeito*. Campinas: Alínea.

PLACAS de sinalização do interior são destruídas. (1977). *Frente Ampla de Notícias*, v. 34. Marechal Cândido Rondon: Rádio Difusora do Paraná, 01 abr. a 29 abr. Programa de rádio.

PRIMEIRA feira de amostras do Oeste do Paraná. (1969). *Frente Ampla de Notícias*, v. 7. Marechal Cândido Rondon: Rádio Difusora do Paraná, 25 ago a 31 dez. Programa de rádio.

RODA de carroça em homenagem ao colono. (1967). *Frente Ampla de Notícias*, v. 2. Marechal Cândido Rondon: Rádio Difusora do Paraná, 11 mar. a 10 jul. Programa de rádio.

ROUBO de milho em grande escala. (1975-1976). *Frente Ampla de Notícias*, v. 24. Marechal Cândido Rondon: Rádio Difusora do Paraná, 15 nov. a 31 jan. Programa de rádio.

SUINOCULTURA ou atividade horti-granjeira: uma solução. (1975). *Frente Ampla de Notícias*, v. 23. Marechal Cândido Rondon: Rádio Difusora do Paraná, 31 jul. a 14 nov. Programa de rádio.

THOMAZ JÚNIOR, A. (1999). Território em transe. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE PERSPECTIVAS DE DESARROLLO EN IBEROAMÉRICA, 1., 1999, Santiago de Compostela. *Actas...* Santiago de Compostela: Servicio de Publicacións e Intercambio Científico.

THOMAZ JÚNIOR, A. (2001). Desenho social dos sem terra no Brasil. *Revista Abra*, Campinas, v.28, n.25, op.31-46.

THOMAZ JÚNIOR, A. (2002a). Por uma geografia do trabalho! *Pegada*, v.3, número especial, agosto.

THOMAZ JUNIOR, A. (2002b). Por trás dos canaviais os nós da cana. São Paulo: Annablume/Fapesp.

THOMAZ JÚNIOR, A. (2003a). O mundo do trabalho e as transformações territoriais: os limites da "leitura" geográfica. *Ciência Geográfica*, v. 9, n. 1, jan./abr., 2002. AGB/Bauru. Bauru.

THOMAZ JÚNIOR, A. (2003b). O trabalho como elemento fundante para compreensão do campo no Brasil. *Revista de Geografia*, ano 9, n. 17, jan./junho.

THOMAZ JÚNIOR, A. (2003c). A Geografia do Mundo do Trabalho na Viragem do Século XXI. In: CONGRESSO LATINOAMERICANO DE SOCIOLOGIA DO TRABALHO (4. : 2003 : Havana). *Anais...* Havana. 17p.

THOMAZ JÚNIOR, Antonio. *Gestão e ordenamento territorial da sociedade : inserção e "leituras" dos atores sociais (uma contribuição ao debate)*.

VOZ do agricultor com novidades. (1970-1971). *Frente Ampla de Notícias*, v. 10. Marechal Cândido Rondon: Rádio Difusora do Paraná, 01 out. a 10 fev. Programa de rádio.

VOZ do agricultor, um programa para o agricultor. (1969). *Frente Ampla de Notícias*, v. 7. Marechal Cândido Rondon: Rádio Difusora do Paraná, 25 ago a 31 dez. Programa de rádio.